



HOPS! TÃO BRINCANDO NA AREIA, UM EXPERIMENTO CÊNICO PARA E COM BEBÊS

Viviana Luiza Borchardt¹ – UFPE

Este trabalho consiste em um relato de experiência do projeto de Iniciação Científica *Poéticas citacionais: Criação e análise genética*, coordenado pela Prof. Dra. Virgínia Maria Schabbach, que teve como objetivo a elaboração, execução e análise de um processo de criação citacional no campo do teatro, a partir de referencialidades literárias. Intitulado *Criação Citacional*, foi realizado entre setembro de 2024 e agosto de 2025, na Universidade Federal de Pernambuco, criando, executando e analisando o processo de composição do experimento cênico para bebês: *Hops! Tão brincando na areia*, a partir de fragmentos retirados das obras de quatro autores de referência: Pochyua Andrade, Virgínia Wolf, Clarice Lispector e JiHyeon Lee.

Sua metodologia de pesquisa-guiada-pela-prática desenvolveu-se ao longo de três etapas. A primeira dedicada ao aprofundamento teórico sobre a noção de citacionalidade com Antoine Compagnon (1996), as poéticas citacionais com Marjorie Perloff (2013) e as tipologias de grifo e as poéticas *samplers* com Virgínia Schabbach (2021). A opção pela criação de um experimento cênico para bebês gerou a necessidade de um mapeamento e posterior estudo sobre as especificidades do teatro que envolve a faixa etária dos 0 aos 3 anos de idade. Desta forma, e a partir da metodologia Estado da Arte, mapeou-se as produções bibliográficas mais relevantes e conhecimento sobre a produção cênica para bebês. E, ainda nesta etapa, foram selecionadas as obras de referência que agiriam como dispositivos de criação para o experimento: *A Vaca Minuciosa*, de Pochyua Andrade (2016) *Objetos sólidos*, de Virgínia Wolf (2005); *Eu tomo conta do mundo* e *O*

¹ Estudante do oitavo período da Graduação em Teatro/Licenciatura, na Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: viviana.borchardt@ufpe.br



milagre das folhas, de Clarice Lispector (2012, 2011); e Piscina, de JiHyeon Lee (2023).

Na segunda etapa, com os fragmentos literários funcionando como dispositivos criativos geradores de imagens, ambiências e ações para a cena, foram selecionadas algumas materialidades possíveis para a criação de exercícios, imagens e jogos de cena como: tecidos, peneiras, copos de metal, colheres de pau, barquinhos de papel e a areia, o elemento principal para a exploração gestual e sensorial do trabalho. Buscando ampliar tanto o sentido de jogo e de ludicidade da cena, como engajar outros estímulos como os sonoros e visuais, três outros artistas se envolveram no experimento: os discentes João Fernando Bonfim e Ariane Fernandes, ambos do curso de Licenciatura em Teatro (UFPE), o primeiro dividindo a atuação com a estudante-pesquisadora e, a segunda, contribuindo em pensar a luz como elemento integrante da cena; e o músico Pochyua Andrade fazendo da sonoridade musical executada ao vivo, uma das opções estéticas que, na pesquisa, buscavam esse sentido de envolvimento, participação e jogo com os bebês. Esses experimentos foram testados, refeitos e reavaliados em encontros de orientação com a docente responsável. Desse “campo de testagem” (Salles, 2004, p. 58) que é a sala de ensaio, em que os elementos literários, sonoros e visuais foram sendo experienciados, emergiu o experimento *Hops! Tão brincando na areia*.

Com a criação em fase de finalização e no intento de colocá-lo, pela primeira vez, em contato com o seu público-alvo, foi realizada uma sessão no dia 12 de maio de 2025, em uma pequena sala de aula, do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, para dois bebês. Um deles com 1 ano e 6 meses de idade e outro com 1 ano e 4 meses. Uma das preocupações do trabalho era gerar um ambiente de acolhimento e confiança para os pequenos, além de delimitar, ainda que de forma sutil, o espaço da cena. Almofadas, então, foram dispostas no chão, propiciando um contato mais próximo e uma visão de cena na altura dos bebês; um tapete na cor de areia, elemento do cenário, funcionou como esse limite entre público e atores pois a cena acontecia em cima dele, ficando, os bebês, em semicírculo, sentados nas



almofadas, ao seu redor. Importante ressaltar que, ao longo dos ensaios, uma das preocupações era que as ações dos atores acontecessem em nível baixo (mais rente ao chão), e em nível médio, gerando essa proximidade e “disponibilidade para estabelecer um diálogo não verbal, mas profundamente comunicativo” (Silva, Prado, 2025, p. 6).

O que observamos, nesse primeiro compartilhamento do trabalho, foi a necessidade de um foco nas movimentações dos atores ao invés de uma simultaneidade, “os bebês têm um ritmo diferente de respiração, o que nos obriga a esperar por eles e dar-lhes tempo” (Moura, 2019, p. 124), ou seja, era complexo para os pequenos acompanharem os atores quando eles faziam diferentes ações ao mesmo tempo, o que fez com que organizássemos a cena de modo que uma ação era sequenciada por outra, estabelecendo um ritmo que permitisse que a criança acompanhasse o jogo.

Para além desses ajustes necessários, percebemos que houve uma interação com os espectadores, reações visíveis no olhar e no corpo dos pequenos. Um deles assistindo sentado e de modo atento, e outro mantendo a atenção, mas assistindo de pé, sorrindo para os adultos acompanhantes e instigado a brincar junto. Como diz Fochi (2017, p. 10): “os atores convidam para fazer parte do jogo dramático, e, do outro lado, as outras crianças, os pares se encontram e se tornam cúmplices desta experiência artística, social e cultural”.

A segunda apresentação foi no dia 29 de maio de 2025, no Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosa. Como público, cerca de 30 bebês entre 01 e 03 anos de idade acompanhados de 6 professores-monitores. O que pudemos perceber, nesse ambiente, foi a importância de trabalhar com pequenos grupos, ao invés de grupos grandes como aquele, de modo a permitir uma experiência em que todos possam, de alguma forma se relacionar de modo mais ativo com o trabalho pois houve dificuldade em dar atenção, trocar olhares e se comunicar com todos.

Em conversa com uma das professoras-monitoras da escola, ela relatou que alguns bebês, que ainda não tinham adquirido a linguagem falada, repetiram, ao



longo do experimento, as sonoridades produzidas pelos atores em cena, como “Hops!”, “Ó!”, bem como o som do apito “Uuuuhm!”. Isso reforça algo que já tínhamos verificado na primeira apresentação, a comunicação que se estabelecia com os bebês, mediada por esse tipo de linguagem sonora, fato que nos leva a pensar em uma possível investigação futura que foque no desenvolvimento desse tipo de jogo com bebês. Ao final da apresentação e convocados pelo jogo da cena, os bebês se mostraram confortáveis em adentrar o espaço cênico a fim de explorar e brincar com os elementos ali dispostos, principalmente os mais velhos, de 03 anos de idade, estabelecendo diálogos com os atores e equipe de produção e fornecendo feedbacks, como uma menina que disse: “Que espetáculo doido! Hops! Hops! Hops!” ou perguntando quando viriam novamente à escola para outra apresentação.

A última apresentação ocorreu no dia 31 de maio de 2025, no Teatro Milton Baccarelli, no CAC/UFPE. Neste dia, contamos com a iluminação de Ariane Fernandes criada para o experimento e pensada de forma a seguir com a ideia de propiciar um ambiente de intimidade e de acolhimento. Foi preparado um ambiente de “chegada” para pais e bebês que aguardariam o momento de início do trabalho - um espaço no corredor de acesso ao teatro, com música ambiente selecionada, tapete colorido e brinquedos para o livre brincar. Logo na entrada do teatro, a iluminação anunciava um ambiente mais intimista e à disposição da cena, um convite para os espectadores subirem ao palco, onde aconteceria o experimento.

Contamos com 4 bebês no público, acompanhados por seus cuidadores, além de estudantes e professores do curso de Teatro. Ao fim da apresentação, foi aberta uma roda de diálogo para propiciar trocas com os interessados da plateia e contribuir com a pesquisa. Alguns comentaram sobre a reação de seus bebês e compartilharam que tinham se encantado com a poética do trabalho, confirmando que eles assistiam ao experimento e às reações e interações de seus bebês, corroborando com o que nos sugere Fochi (2017) ao que se refere a terceira camada do teatro para bebês, os adultos espectadores que não apenas assistem o



experimento, mas presenciam e acompanham a relação que o bebê estabelece com a obra.

A última etapa reuniu os documentos do processo (Salles, 2004), como fotos, vídeos e registros do Diário de Criação da pesquisadora e dos demais integrantes da equipe de criação, a fim de analisar o processo criativo e a relação dele com a citacionalidade e com as especificidades do teatro para a primeiríssima infância.

O processo citacional-sampler, que guiou o processo de criação gerando ideias e dispositivos de experimentação para a cena, revelou que um foco de interesse criativo encontra reverberações que nascem da fruição de obras artísticas, como as literárias. Ser uma artista curadora ou montadora (Villa-Forte, 2019), ou seja, que seleciona referencialidades para criar, contribui para compreender a criação como algo próximo e possível até mesmo para quem nunca se considerou capaz de criar uma obra teatral.

Referências

- FOCHI, Paulo. Teatro desde bebês: contributos para pensar o teatro, a arte e a educação. **Móin – Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano 13, v. 18, outubro, 2017.
- MOURA, Cirila Targhetta de. **Voa(r): Uma poética cênica para os primeiros anos**. 2019. Dissertação (mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- PERLOFF, Marjorie. **O gênio não original**. Belo Horizonte UFMG, 2013.
- PRADO, P. D.; SILVA, E. P. Teatro para/com Bebês e corporeidade em jogos performáticos na peça Linhas. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 28, p. 1–22, 2025. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.28.24311.007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/24311>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 2004.
- VILLA-FORTE, Leonardo N. **Escrever sem escrever. Literatura e apropriação no século XXI**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.